

Da Psicolinguística: um verbete que se tornou ensaio

Data dos anos cinquenta do século XX – cf. o volume organizado por Osgood e Sebeok (1954) – aquilo que se poderia denominar o “acto de nascimento”/a “certidão de baptismo” de um novo domínio interdisciplinar: a psicolinguística (PL). Slama-Cazacu (1972: 14) lembra ainda, contudo, que já em 1951 se tinha realizado, na Universidade de Cornell, sob a égide do *Social Science Research Council*, um seminário que contou com a presença de especialistas de psicologia e de linguística e que tinha em vista clarificar as relações entre as duas ciências. Bronckart *et al.* (1983: 268), por sua vez, apontam 1952 como sendo a data da fundação oficial da psicolinguística, “criada” por Osgood, Carroll e Miller.

O objecto de estudo em questão – a saber: a linguagem, a comunicação –, em virtude da variedade de aspectos que abrange, desencadeou a necessidade de se proceder a uma abordagem que apostasse em perspectivas complementares. Surge desta forma uma nova ciência em resultado dos desafios lançados pelos novos modos de encarar esse objecto de estudo.

Não surpreende, portanto, que a 1 de Dezembro de 1953, data do prefácio à monografia “Psycholinguistics. A survey of theory and research problems”, organizada por Osgood e Sebeok (1954), os autores o concluam nestes moldes: “Aussi c’est avec quelque inquiétude que nous offrons ce plan grossier de ce qui devient un important sujet de recherche – la psycholinguistique.” (Slama-Cazacu 1972: 39).

Convirá, desde já, trancrever a definição (de trabalho) que era então proposta para a psicolinguística: “«psycholinguistics deals directly with the processes of encoding and decoding as they relate states of messages to states of communicators (...)»” (Osgood & Sebeok (orgs.) 1954: 4, cit. por Slama-Cazacu 1972: 14.)

Com efeito, o termo “psicolinguística”, que se considera de um modo geral cunhado nos anos cinquenta do século XX e com origem nos Estados Unidos, “refletiu uma necessidade real na evolução das ciências” (Slama-Cazacu 1979: 35). Poderá concluir-se, com Slama-Cazacu, que “não foi apenas um nome que ensejou uma disciplina nova” (Slama-Cazacu 1979: 35). Quer isto dizer que na primeira metade do século XX, e já mesmo no século XIX (cf. Slama-Cazacu

1972: 11 e ss.; 1979: 34 e ss.), a linguagem, por força da complexidade que lhe era própria, merecera já uma atenção muito particular na Europa por parte de variados estudiosos. Acontece, porém, que no volume organizado por Osgood e Sebeok (1954), conforme lembra Titone (1979: 22), “La psycholinguistique y apparaissait mieux définie dans son concept essentiel, dans ses méthodes et dans ses limites.”

Após a segunda guerra mundial, sentia-se que era urgente constituir uma nova disciplina. Segundo Slama-Cazacu (1972: 14), “Quand notre siècle fêtait son cinquantenaire, cette idée était donc «dans l’air».” O facto de algo «estar no ar» justifica também de certa forma a imagem usada por esta autora e por Titone quando se referem, em obras distintas, aos anos cinquenta do século passado como sendo os anos da adolescência desta disciplina. Slama-Cazacu (1972: 7-8) afirma: “La psycholinguistique, en vérité, n’est pas seulement jeune: elle possède les traits de l’adolescence.” Por sua vez, em Titone (1979: 22) lê-se: “La psycholinguistique devint adolescente à la publication des actes d’un célèbre symposium qui se tint à l’Université de l’Indiana (1953), et édités par un psychologue et un anthropologue linguiste, Osgood et Sebeok (1954).”

Não é pois de admirar que o percurso que se possa vir a traçar da Psicolinguística (PL) a partir do seu surgimento “oficial” (Osgood & Sebeok (orgs.) 1954) não se apresente despojado de conflitos que, na continuidade da imagem que é avançada por Slama-Cazacu e por Titone, também afectariam fases de crescimento para lá dos próprios da adolescência. Efectivamente, o quase meio século de existência oficial da PL espelha o traçado de um domínio de pesquisa que, depois de ter vivido épocas marcantes em termos de escolas/gerações (“stages”, nas palavras de Titone 1995: 42) defensoras de perspectivas teóricas distintas (mais ou menos preponderantes do ponto de vista psicológico ou linguístico, não excluindo a importância por vezes conferida ao contexto social da linguagem e da comunicação), chega curiosamente aos nossos dias também com a designação de “multidisciplinarily connected science” (Slama-Cazacu 1995). Slama-Cazacu afirma mesmo que “«Future Psycholinguistics (*and the present one included*) will be multidisciplinarily connected, or it will not exist at all».” (Slama-Cazacu 1995: 10).

Assumir a PL nas suas conexões multidisciplinares, ou seja, “involved *due to the form* (oral/written) of communication and to the *channels or instruments* used for conveying it” (Slama-Cazacu 1995: 18), implica questionar o grau de alcance da interdisciplinaridade (linguística e psicológica) que sempre defendeu como garante da sua autonomia, bem como repensar a actualidade dessa mesma interdisciplinaridade (cf. Slama-Cazacu 1979: 37; 1995: 13).

Se a PL se apresenta hoje como uma “multidisciplinarily connected science” torna-se quase compulsivo adoptar uma posição segundo a qual a PL e a Psicolinguística Aplicada (PLA) se devem entender numa complementaridade que surge como um necessário. A este respeito, Slama-Cazacu (1979: 37) avança: “[...] ligamos a PL teórica e as pesquisas fundamentais a uma PLA, por nós desenvolvida de forma tentativa e que procuramos fazer desenvolver ainda mais.” E Prucha (1994: 150) acrescenta: “Provided we accept the concept which has been developed by some European psycholinguists (...) as the base of psycholinguistic research, then *the applicability is included as an inherent quality of psycholinguistics.*” (Ver igualmente sobre este tópico Mininni & Stame 1994: 10.)

Uma tal concepção da PL obriga a que se (re)conheçam as áreas que com ela partilham o interesse pelo que se passa nos processos de codificação e decodificação de mensagens das mais diversas índoles, tendo em consideração “a *situação real da comunicação* no contexto relacional e dinâmico das trocas entre emissor(es) e receptor(es)” (Slama-Cazacu 1979, p. 62). Esta tomada de posição requer também que se esteja atento aos avanços gerais de ordem teórica e tecnológica no sentido de se tirar o maior partido de tais abordagens multidisciplinares. (No tocante à(s) (novas) tecnologia(s), ver, entre outros: Slama-Cazacu 1979: 65; Mehler & Noizet 1974: 22; Pinto 1999; *Journal of Psycholinguistic Research* 30 (3), 2001.)

De entre as áreas de pesquisa sobre as quais recaem as aplicações da PL, poderão destacar-se, a título exemplificativo, a compreensão e produção do discurso, a aquisição da língua materna, a aprendizagem de línguas estrangeiras, a linguagem e a educação, os aspectos não-verbais da comunicação, a tradução, a semiótica numa perspectiva psicolinguística, o bilinguismo/plurilinguismo, a linguagem e o poder, os distúrbios e a terapêutica da linguagem, a análise do texto literário, as tecnologias da fala e os modelos da comunicação humana, os meios de comunicação de massas, as novas tecnologias e a comunicação verbal, etc. (ver, entre outros: Slama-Cazacu 1994: 207; Slama-Cazacu 1995; Pinto 1999: 1-5; Pinto *et al.* (orgs.) 1999; Zafiu 2001). Realçaria neste contexto a preocupação, no âmbito do método dinâmico-contextual de Slama-Cazacu (1972; 1979; 1984), de considerar a análise dos textos literários quando se referem as áreas de aplicação da PL (ver ainda: Mey 1994; Scliar-Cabral 1988a; 1988b; 1989; 1991a: 152; 1991b; 1991c; 1992), e o facto de Slama-Cazacu (1979: 71) insistir nos benefícios advenientes para a estilística das análises e dos experimentos psicolinguísticos.

Algumas das áreas enumeradas possuem naturalmente um objecto de estudo próprio; no entanto, lucrarão por certo se vierem a ser também aborda-

das de um ponto de vista psicolinguístico. Gera-se, assim, como sugere Slama-Cazacu (1995: 20), “a «dynamic» analysis from both sides [por um lado, a PL dando mais atenção à relação que mantém com outras áreas, e, por outro lado, essas áreas reconhecendo que podem convergir para a PL, beneficiando com esse movimento]: *centrifugal* and *centripetal*, when taking Psycholinguistics as a reference point.”

A perspectiva até aqui esboçada remete para o método psicolinguístico defendido por Slama-Cazacu, o já referido método dinâmico-contextual (Slama-Cazacu 1972: 155), atendendo ao cunho explicativo da disciplina em causa (Slama-Cazacu 1979: 63) e ao seu interesse pela aplicação das generalizações a que chega (Slama-Cazacu 1979: 63). Na verdade, para esta autora “o objeto da PL inclui a mensagem, mas o estudo da mensagem implica a necessidade de se tomar em conta, como ponto de partida, a *situação real da comunicação* no contexto relacional e dinâmico das trocas entre emissor(es) e receptor(es), por seu turno, determinadas pelo conjunto situacional, pelo contexto compreendido tanto *stricto sensu* quanto em sua acepção mais ampla” (Slama-Cazacu 1979: 61-62). (Relativamente ao contextualismo, ver Moerk 1994.)

Esta opção pelo objecto e metodologia focados confere à PL a autonomia que sempre buscou para se impor enquanto domínio/área/disciplina/ciência (cf., entre outros: Bronckart 1977: 279-294; Bronckart *et al.* 1983: 272; Slama-Cazacu 1979: 37; 1995: 11 e ss.).

Considerar a PL uma “*unitary science*” (Slama-Cazacu 1995: 13), “a truly interdisciplinary endeavor” (Slobin 1979: 2), traduz sem dúvida a forma mais adequada de a assumir. De resto, a PL surge, em parte, para efectuar uma abordagem distinta da até então levada a cabo pela psicologia da linguagem (Bronckart 1977: 249). Deve pois ler-se com precaução toda e qualquer passagem em que se veja identificada a PL (“*approche du comportement langagier intégrant les analyses formelles de la linguistique aux modèles psychologiques, tant pour la formation des objectifs de recherche que pour l’interprétation des données expérimentales.*” (Bronckart 1977: 249)) com a psicologia da linguagem (“*cette [...] discipline est centrée essentiellement sur le langage en tant que conduite, ou comportement, et elle l’analyse en se référant exclusivement aux modèles de la psychologie générale.*” (Bronckart 1977: 249)). Slama-Cazacu (1985: 507) refere: «My own opinion, which I have expressed since the 1960s (...), is that **Psychologie du langage** (...) and **Psycholinguistics** are two **different names**, for two **different fields**: the first being an area (a branch) of **Psychology**, the second being an **interdisciplinary field**, an **autonomous** discipline (neither a branch of linguistics nor a branch of psychology).” (Ver ainda:

Battacchi 1964, referido por Slama-Cazacu 1972: 135-137; Slama-Cazacu 1972: 23; 1983: 373 e ss.)

Todavia, essa “identificação” pode ser vista, por exemplo, em Jakobson (1969, referido por Slama-Cazacu 1985: 506; 1970, referido por Slama-Cazacu 1972: 72), em Titone (1979: 20), em Hörmann (1971, referido por Slama-Cazacu 1985: 506), e, de uma certa maneira, no próprio título da obra de Foss & Hakes (1978).

De um modo extremamente lúcido, Fraisse (1963) interroga-se sobre o que pode ter de moderno o termo “psycho-linguistique”. E acaba por acrescentar que não pensa que esse termo queira unicamente substituir “psychologie du langage” ou “langage et pensée”. Para o autor, está antes em causa o “développement d’un secteur nouveau de recherches et de préoccupations qui a pour origine le développement parallèle et complémentaire de la linguistique et de la psychologie.” (Slama-Cazacu 1972: 55).

Por sua vez, Mehler & Noizet (1974: 7) afirmam a este propósito: “Psychologie du langage, psychologie linguistique, psycholinguistique, il peut paraître vain de substituer un terme à un autre pour désigner un champ de recherche qui [...] reste fondamentalement le même. [...] Mais un changement d’étiquette peut signifier aussi une transformation ou un renversement des relations entre disciplines voisines. De ce point de vue, chacun est conscient de l’importance fondamentale [...] de la conception que l’on se fait des relations entre psychologie et linguistique.” Afirmam ainda estes autores que toda a história da PL poderia assentar na história das relações entre a psicologia e a linguística.

Que se passava então antes do surgimento da psicolinguística, na qualidade de disciplina nova?

O interesse pelo estudo da linguagem já existia obviamente antes dos anos cinquenta e a consciência de que a linguagem era um objecto cuja complexidade exigia uma abordagem interdisciplinar também se fazia sentir. Acontece no entanto que, à altura, nem a psicologia apresentava a metodologia mais adequada ao objecto de estudo em apreço, nem a linguística tinha dado os passos imprescindíveis à compreensão da língua como sistema (ver Slama-Cazacu 1979: 34 e 35). Até aos anos cinquenta do século XX, isto é, até ao surgimento “oficial” da PL nos Estados Unidos, dando assim origem à designada primeira geração/escola da PL, os estudos no âmbito da psicologia da linguagem eram dominados, segundo Slama-Cazacu (1979: 5), “por um método de análise especulativa, impressionista, mais «filosofia» da linguagem que pesquisa experimental e exata dos fatos concretos.” Quanto aos estudos no âmbito

da linguística, estes não tomavam como objecto o discurso. O “fenómeno da comunicação” saía assim empobrecido nas duas perspectivas (cf. Slama-Cazacu 1979: 6). (Ver também Titone 1979: 28 e 29.)

A psicologia e a linguística não evidenciavam então a maturidade suficiente para estabelecerem a colaboração desejada e para delinearem os objectivos pretendidos (cf. Slama-Cazacu 1979: 34). Mas a PL como disciplina/ciência devia corresponder a um relacionamento franco, em que ambas as disciplinas/ciências (psicologia e linguística), não perdendo a sua autonomia, congregassem esforços no sentido de analisar um objecto com implicações nos dois domínios. Reveste-se de oportunidade transcrever a este respeito a seguinte passagem extraída do prefácio à obra de Osgood & Sebeok (orgs., 1954), datado de 1 de Dezembro de 1953: “Le développement de tout nouveau champ interdisciplinaire doit en fin de compte dépendre de jeunes chercheurs qui réunissent dans un même système nerveux les méthodes des deux sciences” (Slama-Cazacu 1972: 39). Por seu lado, Slama-Cazacu (1979: 35) recorda que os pesquisadores que se dedicavam então a estudos de ordem psicolinguística não apresentavam, em regra, uma dupla formação em linguística e em psicologia. Por outras palavras, poderiam ter sido realizados estudos conjuntos apoiados na colaboração entre psicólogos e linguistas mas raramente por investigadores com dupla formação, capazes de olhar o objecto numa “fusão interdisciplinar” (Slama-Cazacu 1979: 35. Ver ainda Slama-Cazacu 1972: 122.).

A recolha de dados e a sua interpretação constituem a metodologia que se deve preconizar para esta nova disciplina. Trata-se, como sublinha Slama-Cazacu (1972: 156-157), de uma metodologia explicativa em que os dois aspectos (recolha e interpretação) não podem estar dissociados. Desta maneira, não podemos esperar da PL uma simples descrição dos fenómenos linguísticos. Observação e experimentação constituem os métodos de que esta disciplina se deve socorrer (Slama-Cazacu 1979: 65).

A psicologia e a linguística, sobre as quais veio a assentar a primeira escola de PL, ofereciam condições basicamente diferentes das existentes antes da segunda guerra mundial (Slama-Cazacu 1972: 13 e 14). O aparecimento da PL nos anos cinquenta permite-lhe tomar já como ponto de partida a linguística estrutural, uma psicologia que se poderia dizer renovada (“après le *Gestaltisme* (mais sans l’oublier), après les critiques adressées au behaviorisme, après le développement de la psychologie matérialiste [...], bénéficiant de l’efflorescence de l’esprit interdisciplinaire, du remaniement du système général des sciences par l’apparition des disciplines «de frontière».” (Slama-Cazacu 1972: 14)) e a teoria da informação, esta última considerada por Slama-Cazacu

(1972: 121) um auxiliar da PL – uma vez que se encontra implicada tanto na psicologia como na linguística moderna – e não um fundamento (teórico) da PL como ressaltaria da monografia organizada por Osgood e Sebeok em 1954 (ver também Slama-Cazacu 1972: 14 e 15).

A primeira escola de PL, dita “explícita” por Bronckart (1977: 250), centrava-se, segundo o autor, “sur les processus de communication, qu’elle analysait en s’inspirant à la fois de la linguistique structurale (...) et de la théorie de l’information”. Para Bronckart (1977: 250), a importância conferida à função comunicativa da linguagem por parte desta escola justifica e em parte também explica o recurso à teoria da informação. Além disso, como acrescentam Bronckart *et al.* (1983: 270), esta primeira escola de PL insere-se no contexto skinneriano. Apesar de nela se ver introduzida a noção de *mensagem*, comentam os autores que essa inovação não foi suficiente, na medida em que não foram analisadas as categorias linguísticas e suas relações com o sentido, nem as interações sociais (Bronckart *et al.* 1983: 270 e 271). Mehler & Noizet (1974: 10) adiantam que a PL da primeira geração mostrar-se-ia insuficiente sobretudo para aqueles que achavam que nunca existiria ciência da linguagem na ausência de uma teoria da linguagem.

Em meados dos anos cinquenta, os trabalhos de Chomsky iriam pôr em causa a primeira escola de PL graças a um modelo linguístico que apresentava uma axiomática da sintaxe assente em noções mais concretas e mais ricas do que as propostas até então neste âmbito (Mehler & Noizet 1974: 12). Nesta proposta de Chomsky, o que se revela mais importante, de acordo com estes autores, é o facto de se verificar que “Chomsky engageait la recherche en sciences humaines dans des directions méthodologiques qui allaient se montrer très fructueuses.” (Mehler & Noizet 1974: 12).

Estavam em causa, de acordo com a mesma fonte, uma redefinição da sintaxe, que passava a ser generativa, mas sempre independente do sentido, e uma redefinição do conceito de regra gramatical. Tratava-se de uma gramática que não só procurava ter em conta a criatividade da linguagem mas que também era capaz de fornecer uma descrição estrutural de todas as frases geradas (Mehler & Noizet 1974: 12). Dois níveis linguísticos passam assim a existir: um nível de base e um nível de superfície, ambos abstractos. Dito de outra forma, o pesquisador em ciências humanas colocava-se agora, no dizer de Mehler & Noizet (1974: 13), numa posição semelhante ao pesquisador que trabalha, por exemplo, em física teórica. O salto qualitativo em termos de mudança de orientação era incontestável. De facto, como continuam os autores mencionados, “C’est que la construction d’un modèle formel donne l’espoir d’assurer

la cohérence de l'observable, et de le faire d'une manière qui permette le contrôle par l'expérience. Aucune taxonomie des faits ne peut aboutir à ce résultat." (Mehler & Noizet 1974: 13).

Emana desta orientação uma forte influência da linguística sobre a PL. O psicólogo passa a usufruir de um instrumento, de um modelo, em que se poderá apoiar para explicar o comportamento real do locutor, a nível da produção, da percepção, da compreensão e também no tocante aos processos de armazenagem e de aquisição (Mehler & Noizet 1974: 14). Trata-se de uma leitura de ordem hipotético-dedutiva. A realidade psicológica da gramática generativa passa a constituir uma interrogação que acompanha o pesquisador, tomando como base, segundo Mehler & Noizet (1974: 14), um modelo com carácter preditivo.

Desenha-se assim um terreno de pesquisa no qual actua, por um lado, os linguistas que se dedicam à construção do modelo e seu aperfeiçoamento, e, por outro lado, os psicólogos que vão mostrar a sua validade a nível de comportamentos. Na sequência desta posição, convirá referir, seguindo a mesma referência bibliográfica (Mehler & Noizet 1974: 15), as noções chomskianas de *compétencia* ("savoir de la langue, inhérent à tout locuteur") e de *performance* ("usage différencié que [o locutor] en fait dans des situations concrètes").

A construção do modelo de competência do locutor fica assim a cargo do linguista. E, como adiantam os autores focados, resta ao psicolinguista validar os modelos de competência, verificar a sua realidade psicológica, restringindo-se assim à "performance". Contudo, segundo Mehler & Noizet (1974: 16), "La performance ne peut donc pas être prise pour un reflet direct de la compétence." A par da distinção entre competência e "performance", torna-se necessário salientar a distinção entre sujeito ideal e sujeito real. Existe, com efeito, uma distância entre estes dois sujeitos e o comportamento do locutor implica limitações de ordem psicológica. Não supreende pois que os estudiosos referidos (Mehler & Noizet 1974: 18) na sequência do exposto alertem para o facto de ser mais correcto falar de modelos ou sub-modelos de "performance" do que de um simples modelo de "performance".

Nesta óptica, o psicolinguista da segunda geração encontra-se muito mais ligado à linguística, pelo que se afigura pertinente citar a seguinte passagem de Mehler e Noizet: "En transposant la célèbre formule de Piaget, on pourrait dire que face à la grammaire générative se constituant comme axiomatique du langage, la psycholinguistique se posait comme la science expérimentale correspondante." (Mehler & Noizet 1974: 17).

Nesta linha de pensamento, Foss & Hakes (1978: 18) afirmam que a tarefa principal da PL consiste em “Developing a theory of linguistic performance, a theory of the psychological processes involving language”, entendendo os autores que a teoria da “performance” “describes the psychological processes involved in using our linguistic competence in all the ways that we actually can use it — in producing utterances, in understanding them, in making judgments about them, and in acquiring the ability to do these things.”

Atendendo à perspectiva epistemológica de Chomsky, que defenderia o carácter inato das estruturas da língua, a sua especificidade e o seu carácter racional, Bronckart *et al.* (1983: 270) observam que tal perspectiva se inscreve na concepção então em voga do “tout biologique”, o que remete para um acentuar da tónica sobre os aspectos representativos e estruturais da linguagem (cf. Bronckart *et al.* 1983: 271) em detrimento das relações que a língua deve manter com o contexto e com as situações de enunciação. Não será pois de estranhar que Foss e Hakes (1978) refiram que os que estudam a estrutura e os processos mentais se designem por psicólogos cognitivos e que consequentemente se possa considerar a PL um ramo da psicologia cognitiva (cf. Foss & Hakes 1978: xiii). Estava assim aberta a vertente cognitivista que iria caracterizar certos estudos psicolinguísticos subsequentes.

De uma forma que não deixa de ser interessante, Bronckart (cf. Bronckart *et al.* 1983: 271) vê semelhanças entre o behaviorismo linguístico e a gramática generativa e afirma que uma das suas características comuns consiste em não problematizar devidamente a interacção entre o organismo e o meio. Na mesma fonte lê-se ainda: “Dans les deux cas, la démarche revient à réduire le langage à un seul de ses aspects, d’ailleurs appauvri: la communication ou épisode verbal chez Skinner, la représentation (au sens pré-saussurien) chez Chomsky.” (Bronckart *et al.* 1983: 271). Interessa também realçar como a designada revolução chomskyana se processa na continuidade dos métodos já usados na psicologia experimental (cf. Bronckart *et al.* 1983: 271).

A segunda geração da PL prepara assim o terreno para os que vêm com dificuldade a realidade psicológica do modelo linguístico generativo e com apreensão a sua validação.

Começa então a configurar-se nos anos setenta (cf., de uma forma muito especial, Bever 1970) uma nova abordagem (funcionalista) que não só se apoia na estrutura formal da língua mas também no uso que dela faz o que a utiliza (Mehler & Noizet 1974: 18). Trata-se de uma abordagem que viria a dar origem à terceira geração da PL – de que somos ainda hoje continuadores –, que passa a colocar a tónica nas estratégias (estratégias perceptivas) utilizadas

pelo sujeito no processamento da informação linguística (cf. Mehler & Noizet 1974: 19).

Quando Slama-Cazacu dedica, em 1983 e em 1985, algum espaço ao termo “psicolinguística”, diz, a dado passo do artigo de 1983, que, quando lhe solicitaram que escrevesse sobre o tópico “New methods in linguistic research”, achou então que termos como “Psychology of language” ou “Psychological linguistics” não seriam os mais adequados ao novo campo de pesquisa: a PL. Para a autora, ambos os termos evocavam tanto uma psicologia como uma linguística obsoletas e ela defendia que esse novo domínio devia ser autónomo e não devia pertencer em exclusivo nem à psicologia nem à linguística (Slama-Cazacu 1983: 373). Ao adoptar o termo “Psicolinguística”, a autora queria evidenciar que a PL americana não era a única PL, mas unicamente uma das tendências possíveis desta disciplina. Por outros termos, para Slama-Cazacu, “(our own approach being opposed to American PL both of the «first generation» — the behaviouristic one — and of the «second generation» — of the 60s, based on the generative-transformational linguistics).” (Slama-Cazacu 1983: 373).

Em parte, a terceira geração da PL acaba por integrar-se (cf. Bronckart *et al.* 1983: 271), em alternativa às duas primeiras escolas, no conjunto de correntes que vêem na linguagem um sistema que toma forma e se especifica nas interações sociais.

Em termos de relação, de influência, de dependência entre a psicologia e a linguística, verifica-se agora a existência de uma via que dá corpo a uma psicologia linguística, até mesmo a uma linguística psicológica, nos termos de Mehler & Noizet (1974: 19).

O enquadramento da psicologia linguística (da *Psicolinguística*) — para uma leitura crítica sobre a terminologia relacionada com este domínio de pesquisa, ver Slama-Cazacu (1985: 508-509) — na psicologia cognitiva não se deixa por isso esperar. Por um lado, o comportamento verbal, como afirmam os autores citados, deixa de ser olhado isoladamente e passa a ser visto no interior dos processos cognitivos mais gerais; por outro lado, a psicologia linguística (a *Psicolinguística*), ainda de acordo com os mesmos estudiosos, “rétablit les liens avec la réflexion biologique” (Mehler & Noizet 1974: 20).

Nos anos oitenta, de acordo com Bronckart *et al.* (1983: 273), a PL encontrava-se dividida em duas opções: a primeira dispunha de todo o rigor científico “mais se donne des objets d’étude dont le rapport avec le langage doit être démontré”; a segunda tomava a seu cargo pesquisas que se baseavam no funcionamento real da linguagem, tanto no aspecto representativo como comunicativo, em detrimento contudo do rigor experimental.

Por sua vez, a denominada PL da criança (“psycholinguistique de l’enfant”) procuraria, segundo os autores em questão, considerar a linguagem quer como instrumento de representação, quer como utensílio de comunicação (Bronckart *et al.* 1983: 273). Neste domínio, como noutros, uns especialistas privilegiam certas posições e outros outras (ver Bronckart *et al.* 1983: 274 e ss.). Na medida em que ainda se revestem de grande actualidade, afigura-se interessante transcrever, no que respeita às teorias linguísticas, as seguintes palavras dos autores: “les uns rejetant toute formalisation linguistique, les autres acceptant le modèle chomskyen pour des raisons d’essentialité et d’universalité, les derniers enfin adhérant aux théories de l’énonciation.” (Bronckart *et al.* 1983: 275).

Variados modelos de processamento são então construídos e aplicados – com vista à sua validação e aperfeiçoamento – à compreensão e produção verbais (normal e patológica, tanto no adulto como na criança) e à leitura e à escrita (normal e patológica, quer no adulto quer na criança), com vista a uma compreensão cada vez mais profunda do fenómeno psicolinguístico. Estudos de ordem neurolinguística e neuropsicológica (cognitiva) passam a estar também na ordem do dia (cf., entre outros: Caplan 1987; 1992; Coltheart *et al.* (orgs.) 1980; Coltheart *et al.* (orgs.) 1987; Howard & Hatfield 1987; Patterson *et al.* (orgs.) 1985). Os modelos vão-se adaptando a diferentes metáforas que se pretendem cada vez mais próximas da realidade (biológica?): a arquitectura do computador e a arquitectura neuronal podem ser dadas como exemplos dessas metáforas (ver, entre outros: Howard & Hatfield 1987: 97-107; McClelland, Rumelhart and the PDP Research Group 1986; Rumelhart, McClelland and the PDP Research Group 1986; *Cognition* 28 (1-2), 1988).

A reacção a posições psicolinguísticas que privilegiavam ou a psicologia ou a linguística só poderia passar a vir daqueles que partiam em defesa de uma PL autónoma, na qualidade de ciência unitária, “in which Linguistics and Psychology have *already* melted together” (Slama-Cazacu 1995: 13), ou seja “an «interdisciplinary science»” (Slama-Cazacu 1995: 13). E se a PL for identificada com uma ciência da comunicação (ver título da obra de Slama-Cazacu 1999), nesse caso o objecto é vasto e o recurso a outros domínios, disciplinas, áreas, ciências, ou actividades envolvidas na comunicação não pode ser escamoteado (cf. Slama-Cazacu 1995: 13). (Sobre a comunicação e o século XX, ver Foss & Hakes (1978: xii) e Oléron & Legros 1994: 85.)

Para Bronckart *et al.* (1983: 272), a PL (da criança) também se quer autónoma e, como adiantam, para que o estudo seja propriamente psicolinguístico, entre outros princípios, deve ter em consideração o “*fonctionnement de*

locuteurs réels” em contextos definidos, com tudo o que isso pode naturalmente implicar.

Quanto ao termo “psicolinguística”, este surge na literatura enquanto categoria *nome* e enquanto categoria *adjectivo*. Slama-Cazacu, num seu trabalho de 1965, supunha que estava a traduzir do inglês para o romeno um termo americano-inglês e que dessa forma o termo estaria a ocorrer pela primeira vez na Roménia (ver Slama-Cazacu 1985: 508). Na qualidade de designação de domínio de pesquisa, o termo não ocorrera na verdade antes em romeno; contudo, como acrescenta a autora, já teria sido usado como adjectivo por um autor romeno nos anos vinte (Slama-Cazacu 1985: 508). De acordo com esta autora, o linguista romeno Ovid Densusianu (1873-1938), que em 1925 participou na organização do 1.º Congresso de Filólogos Romenos, cujas actas datam de 1926, escreveu então um artigo (Densusianu 1926) onde ocorre o adjectivo “psico-linguístico”. Não se sabe muito bem, como adianta Slama-Cazacu, se terá sido escrito propositadamente com hífen ou se o hífen terá resultado da translineação operada no texto por necessidade tipográfica. De qualquer forma, a autora pensa que muito provavelmente as actas do referido congresso terão tido a divulgação devida e que, por isso, o termo terá circulado e terá vindo a ser conhecido (cf. Slama-Cazacu 1985: 509). A título de curiosidade, acrescentaria que Slobin (1979: 2) chama a atenção para o nome híbrido do campo e escreve “PSYCHO-LINGUISTICS” (com hífen), muito embora prosiga afirmando “thus reflects a truly interdisciplinary endeavor”.

No entender de Slama-Cazacu (Slama-Cazacu 1985: 508), nem mesmo Pronko (1946), com o seu artigo “Language and psycholinguistics. A review” terá sido quem escreveu pela primeira vez o termo (ver Titone 1979: 22). A autora nota ainda que Pronko trabalhou na Universidade de Indiana, a universidade onde se realizou o 1.º *Summer Seminar of Psycholinguistics* (1953), seminário que foi precedido por um outro na Universidade de Cornell em 1951, no qual o termo “psycholinguistics” não teria aparecido referido. Por outro lado, recorda a mesma autora (Slama-Cazacu 1985: 509) que, no seminário de Indiana, estiveram igualmente presentes estudiosos europeus e menciona ainda o facto de Sebeok, linguista da Universidade de Indiana directamente envolvido no encontro, ter estudado na Europa até 1937. Ora, Sebeok, segundo Slama-Cazacu (1985: 509), referira que ele e Osgood “«used the term a lot and were principally responsible for its propagation»”, não obstante também reconhecer que “«this expression was in use in the Francophone literature»”.

Estas observações conduzem pura e simplesmente a que se considere de um modo crítico a criação americano-inglesa do termo “psicolinguística”

(*psycholinguistics*) pelo grupo de Osgood e Sebeok e com alguma atenção a sua formação lexical (cf. Slama-Cazacu 1985: 508 e 509).

No que toca ao termo “psicolinguística”, concluiria com as palavras de Slama-Cazacu: “It is also possible, however, that the use of the term **psycholinguistics** twenty years later in the USA [se se tiver em conta a ocorrência do adjectivo na obra de Ovid Densusianu em 1926] was a mere coincidence. The fact is all the same more than «interesting», and I think it should enter the history of the discipline of **psycholinguistics** and of linguistics itself” (Slama-Cazacu 1983: 380; 1985: 509).

Acrescentaria que os dois trabalhos de Slama-Cazacu (1983; 1985) aqui citados e dedicados ao termo “psicolinguística” resultaram em parte de contactos entre a autora e alguns estudiosos neles referidos, nomeadamente Jakobson e Sebeok. Essa forma de viver a PL explica em certa medida as seguintes palavras de Slama-Cazacu, escritas em Janeiro de 1970, em guisa de resposta a Sebeok: “Personnellement, je les plains déjà: car de cette distance ils seront encore plus perplexes que nous – qui connaissons un peu mieux certains détails anecdotiques ou conjoncturaux, en tout cas – par la grande confusion caractérisant actuellement ce champ.” (Slama-Cazacu 1972: 8), quando Sebeok, no prefácio à segunda edição (1965) do volume “Psycholinguistics. A survey of theory and research problems” também organizado por Osgood, datado de 15 de Janeiro de 1965, escreve: “J’envie ceux qui auront l’occasion de passer en revue les progrès de la psycholinguistique du point de vue de 1975.” (Slama-Cazacu 1972: 41).

A breve panorâmica da PL aqui traçada, muito embora elaborada, em 2001, por alguém que conheceu de perto parte dos autores nela incluídos – com uma referência muito especial a Sebeok e a Slama-Cazacu –, não pode deixar de transparecer a “perplexidade” que representa optar por um determinado percurso e não por outro, traduzindo afinal uma posição que se identifica com as palavras de Slama-Cazacu acima transcritas.

REFERÊNCIAS

- Battacchi, M. W. 1964. Introduzione. In: J. B. Carroll. *Psicologia del linguaggio*. Milano: Martello.
Referido por T. Slama-Cazacu, 1972, 135-137.
- Bever, T. G. 1970. The cognitive basis for linguistic structures. In: J. R. Hayes (Ed.). *Cognition and the development of language*. New York: Wiley, 279-362.
- Bronckart, J. P. 1977. *Théories du langage. Une introduction critique*. Bruxelles: Pierre Mardaga.

- Bronckart, J.-P.; Kail, M.; Noizet, G. (Orgs., 1983). *Psycholinguistique de l'enfant. Recherches sur l'acquisition du langage*. Neuchâtel/Paris: Delachaux et Niestlé.
- Bronckart, J.-P.; Kail, M.; Noizet, G. 1983. Conclusion. L'avenir de la psycholinguistique de l'enfant. In: J.-P. Bronckart; M. Kail; G. Noizet (Orgs.). *Psycholinguistique de l'enfant. Recherches sur l'acquisition du langage*. Neuchâtel/Paris: Delachaux et Niestlé, 261-277.
- Caplan, D. 1987. *Neurolinguistics and linguistic aphasiology. An introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Caplan, D. 1992. *Language. Structure, processing, and disorders*. Cambridge MA: The MIT Press.
- Coltheart, M.; Patterson, K.; Marshall, J. C. (Eds., 1980). *Deep dyslexia*. London/Boston/Henley: Routledge & Kegan Paul.
- Coltheart, M.; Sartori, G.; Job, R. (Orgs., 1987). *The cognitive neuropsychology of language*. London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Densusianu, O. 1926. Vorbirea popular din puncte nou de vedere. [Popular speech from new points of view]. In: *I^{mi}l Congres al Filologilor Români* ["First Congress of Romanian Philologists"]. Bucureti, pp. 96-104. Referido por Slama-Cazacu, 1983 e 1985.
- Foss, D. J.; Hakes, D. T. 1978. *Psycholinguistics. An introduction to the psychology of language*. Englewood Cliffs NJ: Prentice-Hall.
- Fraïsse, P. 1963. Introduction. La psycho-linguistique. In: *Problèmes de psycholinguistique*. Paris: PUF. Referido por T. Slama-Cazacu, 1972, 55-57.
- Hörmann, H. 1971. *Psycholinguistics*. Translated by H. H. Stern (German first version: *Psychologie der Sprache*. Berlin: Springer, 1967). Berlin: Springer. Referido por Slama-Cazacu, 1985, 506.
- Howard, D.; Hatfield, F. M. 1987. *Aphasia therapy. Historical and contemporary issues*. Hove/London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Jakobson, R. 1969. Rapport: Linguistics in its relation to other sciences. In: *Actes du Xème Congrès International des Linguistes* (1967). Bucarest: Ed. Acad. Vol. I, 76-111. Referido por T. Slama-Cazacu, 1985, 506.
- Jakobson, R. 1970. La linguistique. In: *Tendances principales de la recherche dans les sciences sociales et humaines. Première partie: Sciences Sociales*. Paris/La Haye: UNESCO/Mouton. Referido por T. Slama-Cazacu, 1972, 72-75.
- McClelland, J. L.; Rumelhart, D. E.; and the PDP Research Group. 1986. *Parallel distributed processing. Explorations in the microstructure of cognition. Volume 2: Psychological and biological models*. Cambridge MA: The MIT Press.
- Mehler, J.; Noizet, G. (Orgs., 1974). *Textes pour une psycholinguistique*. Paris/La Haye: Mouton.
- Mehler, J.; Noizet, G. 1974. Vers un modèle psycholinguistique du locuteur. In: J. Mehler; G. Noizet (Orgs.). *Textes pour une psycholinguistique*. Paris/La Haye: Mouton, 7-22.
- Mey, J. L. 1994. Poetic reality: a pragmatic approach. In: G. Mininni; S. Stame (Eds.). *Dynamic contexts of language use. Papers in honor of Tatiana Slama-Cazacu*. Bologna: CLUEB, 193-201.
- Mininni, G.; Stame, S. (Eds.). 1994. *Dynamic contexts of language use. Papers in honor of Tatiana Slama-Cazacu*. Bologna: CLUEB.
- Mininni, G.; Stame, S. 1994. Introduction. In: Mininni, G.; Stame, S. (Eds.). *Dynamic contexts of language use. Papers in honor of Tatiana Slama-Cazacu*. Bologna: CLUEB, 9-13.
- Moerk, E. L. 1994. Contexts, contextualism, and environmental determinants: conceptual resemblances between Sapir-Worf, Skinner, Slama-Cazacu, Vygotsky, and their philosophical predecessors. In: G. Mininni; S. Stame (Eds.). *Dynamic contexts of language use. Papers in honor of Tatiana Slama-Cazacu*. Bologna: CLUEB, 31-40.
- Oléron, P.; Legros, S. 1994. Sur l'interprétation des requêtes indirectes. In: G. Mininni; S. Stame (Eds.). *Dynamic contexts of language use. Papers in honor of Tatiana Slama-Cazacu*. Bologna: CLUEB, 85-94.

- Osgood, Ch. ; Sebeok, T. A. (Eds.). 1954. *Psycholinguistics. A survey of theory and research problems*. Bloomington: Indiana University Press/Baltimore Waverly Press. (2.^a edição: 1965, com: A. R. Diebold Jr., *A survey of psycholinguistic research 1954-1964*, e: G. Miller, *The psycholinguistics. On the new scientists of language*. Referido por T. Slama-Cazacu, 1972.) Relativamente à difusão do volume de Osgood & Sebeok (Eds., 1954) nas revistas *International Journal of American Linguistics* e *Journal of Abnormal and Social Psychology*, ver Slama-Cazacu, 1972, p. 14.
- Patterson, K. E.; Marshall, J. C.; Coltheart, M. (Eds., 1985). *Surface dyslexia. Neuropsychological and cognitive studies of phonological reading*. London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Pinto, M. da G. 1999. Introduction. In: M. da G. Pinto; J. Veloso; B. Maia (Eds.). *Psycholinguistics on the threshold of the year 2000. Proceedings of the 5th International Congress of the International Society of Applied Psycholinguistics (June 25-27, 1997)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1-5.
- Pinto, M. da G.; Veloso, J.; Maia, B. (Eds., 1999). *Psycholinguistics on the threshold of the year 2000. Proceedings of the 5th International Congress of the International Society of Applied Psycholinguistics (June 25-27, 1997)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Pronko, N. 1946. Language and psycholinguistics. A review. *Psychological Bulletin*. **43(3)**: 189-239. Referido por Slama-Cazacu, 1983, 377, e por Titone, 1979, 22.
- Prucha, J. 1994. Educationally applied psycholinguistics: some reflections on Slama-Cazacu's approach. In: G. Mininni; S. Stame (Eds.). *Dynamic contexts of language use. Papers in honor of Tatiana Slama-Cazacu*. Bologna: CLUEB, 147-154.
- Rumelhart, D. E.; McClelland, J. L. and the PDP Research Group. 1986. *Parallel distributed processing. Explorations in the microstructure of cognition. Volume 1: Foundations*. Cambridge MA: The MIT Press.
- Scliar-Cabral, L. 1988a. Análise del testo letterario. In: *Dieci applicazioni del metodo contestuale-dinamico*. Roma: Bulzoni, 127-151.
- Scliar-Cabral, L. (Org., 1988b). The dynamic-contextual method applied to one of Ricardo Reis' odes. *Psicolinguística. Ilha do Desterro*. **9**: 115-134.
- Scliar-Cabral L. 1989. *O método contextual dinâmico aplicado a poemas de Fernando Pessoa*. Florianópolis SC: UFSC.
- Scliar-Cabral, L. 1991a. *Introdução à psicolinguística*. São Paulo SP: Ática.
- Scliar-Cabral, L. 1991b. Ricardo Reis: Ode revista pelo método contextual-dinâmico. *Táira* [Grenoble: Université Stendhal]. **(3)**: 113-141.
- Scliar-Cabral, L. 1991c. Slama-Cazacu's dynamic contextual method applied to Fernando Pessoa's poem. *Proceedings of the Fourteenth International Congress of Linguists* (1987). Berlin: Akademie-Verlag, 1986-1988.
- Scliar-Cabral, L. 1992. O método contextual-dinâmico aplicado a uma ode de Ricardo Reis. *Actas do Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, 4. São Paulo SP/Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Vol. 1, 495-499.
- Slama-Cazacu, T. 1965. La méthodologie psycholinguistique et quelques-unes de ses applications. *Revue Roumaine de Linguistique*. **10(3)**: 309-316. Referido por Slama-Cazacu, 1983 e 1985.
- Slama-Cazacu, T. 1972. *La psycholinguistique*. Paris: Klincksieck.
- Slama-Cazacu, T. 1979. *Psicolinguística aplicada ao ensino de línguas*. São Paulo SP: Livraria Pioneira. Tradução de L. Scliar-Cabral. Versão original: 1978.
- Slama-Cazacu, T. 1983. New data concerning the term «psycholinguistics»: Roman Jakobson and Ovid Densusianu. *Revue Roumaine de Linguistique*. **28(5)**: 373-381.
- Slama-Cazacu, T. 1984. *Análise dinámico-contestuale del testo letterario*. Bari: Adriatica.

- Slama-Cazacu, T., 1985. On the origin of the term 'psycholinguistics'. In: K. R. Jankovsky (Ed.). *Scientific and humanistic dimensions of language (Festschrift for Roberto Lado)*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 505-514.
- Slama-Cazacu, T. 1994. Quo vadis, psycholinguistics? A new framing for psycholinguistics: 'A multidisciplinary connected science'?. *International Journal of Psycholinguistics*. **10(2)[28]**: 203-216.
- Slama-Cazacu, T. 1995. Why a new framing for psycholinguistics: 'A multidisciplinary connected science'?. In: S. Stame (Ed.). *Psycholinguistics as a multidisciplinary connected science. Proceedings of the 4th ISAPL International Congress (June 23-27, 1994)*. Cesena: Il Ponte Vecchio. Vol. I, 9-24.
- Slama-Cazacu, T. 1999. *Psiholingvistica o știință a comunicării* [Psicolinguística uma ciência da comunicação]. Bucuresti: Editura All.
- Slobin, D. I. 1979. *Psycholinguistics*. 2nd edition. Glenview ILL: Scott, Foresman and Company.
- Stame, S. (Ed., 1994). *Psycholinguistics as a multidisciplinary connected science. Proceedings of the 4th ISAPL International Congress (June 23-27, 1994)*. Vol. I. Cesena: Il Ponte Vecchio.
- Titone, R. 1979. *Psycholinguistique appliquée*. Paris: Payot. Versão original italiana: 1971.
- Titone, R., 1995. Toward an integrated construct of applied psycholinguistics: The case of second language acquisition. In: S. Stame (Ed.). *Psycholinguistics as a multidisciplinary connected science. Proceedings of the 4th ISAPL International Congress (June 23-27, 1994)*. Cesena: Il Ponte Vecchio, 41-64.
- Zafiu, R. 2001. Recensão crítica de: T. Slama-Cazacu. 1999. *Psiholingvistica o știință a comunicării* [Psicolinguística una scienza della comunicazione]. Bucuresti: Editura All, pp. 825. *Rivista di Psicolinguistica Applicata*. **I(1)**: 195-196.